

ÉRAMOS JOVENS

Ainda ontem passei por lá. Assim começa a estória contada em um clássico da Série Vagalume, e que, de uma forma ou de outra é presente no cotidiano de todos, consciente ou inconscientemente. Fazer uma visita ao passado é rotina em nossas vidas. “E se isso tivesse sido assim”? “E se aquilo daquele jeito? ”

Relembrar e não ter sentimento de frustração exige planejamento. Uma carreira, um propósito de vida, um lugar aonde se almeja chegar para aí sim descansar. Mas descansar produzindo, sendo útil. Fazendo o que se gosta e ser bem remunerado por isso Não é o que se percebe nas pesquisas e rodas de conversa do cotidiano. O que você planeja fazer? Me aposentar! Via de regra é este o raciocínio, o desejo, o planejamento. Ter de volta de alguma forma aquilo que fora obrigado a “dar” ao Governo. E chegada a hora, cobra-se sua conta.

Mas, o que fazer a partir de agora que o sonho fora realizado? Era realmente um sonho ou mais de aproxima de uma ilusão? Acordar pela manhã sem nenhum compromisso profissional para cumprir e preencher o dia com pequenas tarefas a fim de simular uma ocupação? Ou mesmo sequer nisso pensar e deixar os dias a passar. Ter compromissos a cumprir e ser remunerado por isso exige a construção dessa ocupação. Mas como fazê-lo, se o pensamento que persegue 25 horas por dia é a aposentadoria?

Os noticiários produzem matérias onde não se percebe qualquer informação que já não estejamos fartos de saber. O Brasil já não é mais um país de jovens, a média de filhos por mulher caiu de 5,9 para 1,7. A expectativa de vida subiu de 55 para 75 anos entre os homens e de 60 para 80 anos entre as mulheres, a base da pirâmide está afinado, teremos 1 idoso a cada três brasileiros já em 2075. A previdência precisa de uma reforma urgente.

Uma reforma urgente! Há três décadas se especula no Congresso Nacional a urgência de uma reforma na previdência, ou seja, antes dos dados acima se concretizarem, já era preciso uma reforma, isto não é novidade. Mas fazer a reforma é muito difícil, quase impossível. Como fazer uma reforma que trará efeitos e consequências tão profundas na vida de todos diante do atual sistema eleitoral com calendário de votações a cada dois anos? O leitor pode colaborar no raciocínio.

Os movimentos populares são legítimos e fazem parte da construção e da manutenção do Estado Democrático de Direito. Mas até onde eles servem aos interesses da população e até onde aos interesses de quem quer manter ativo este estado de coisas que se vê? Trocar os líderes, mas não mudar as regras seria realmente produtivo? Aproveitar o momento e exigir por exemplo eleições gerais a cada quatro anos e o fim do foro por prerrogativa de função não seria mais produtivo que ir às ruas para trocar de “chefe”, se as regras vão continuar as mesmas?

O presidente em exercício em recente pronunciamento afirmou que não tem pretensões eleitorais e, portanto, não terá entraves para montar e trazer à discussão no Congresso a pauta de reformas que são urgentes. Mas sua base aliada, seu partido, seus financiadores de campanha, apoiadores concordam com este posicionamento? Se concordam, sorte nossa. As reformas vão acontecer.

Em tempo, em outubro teremos eleições e 24 meses depois eleições novamente e dois anos depois e depois.... Dá para criar alguma perspectiva com reformas? Mexer no planejamento de vida direta e indiretamente de milhões de eleitores não é tarefa que se mostre fácil de fazer, pois se o fosse, por obvio que já estaria concretizado. Se rendesse votos já estaria pronto. Rende votos? Reformas serão realizadas em setores que possam comprometer eleições e reeleições? Novamente o leitor pode colaborar no raciocínio.

Não há um programa de incentivo efetivamente capaz de estimular o trabalhador que já reuniu os requisitos para aposentadoria a permanecer na ativa. O governo quer se livrar do “ferro-velho” e renovar sua mão-de-obra e o trabalhador quer “aproveitar o resto da vida”. É a união da fome com a vontade comer para usar um ditado bem popular.

Só que, os agora novos também ficarão velhos e continuarão alimentando e alimentados pela a mesma cultura. Esperar o tempo passar para poder se aposentar e aproveitar o resto da vida. A conta do sistema previdenciário, segundo números oficiais, e aqui seria tema para outra discursão, já não fecha agora. Então imagine-se daqui a algumas décadas.

A cultura que fora alimentada durante muito tempo, se tornou um vício que tirou das pessoas o sonho de construir, de produzir, de reformar. Aqui não precisamos do Governo para planejar, está em nossas mãos. É plenamente possível que daqui a quanto tempo que seja olharmos para o passado e refletir com satisfação: éramos jovens, mas estamos bem, ativos, produtivos e felizes !!

Por Fernando Balby, Criminalista.